

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FICÇÃO LITERÁRIA DE JOSÉ
VERÍSSIMO (1857-1916)¹****SOME CONSIDERATIONS ABOUT JOSÉ VERÍSSIMO'S LITERARY FICTION**Nataly Jollant
Sorbonne Université

RESUMO: Na segunda metade do século XIX, o escritor e crítico literário José Veríssimo (1857-1916) iniciou a publicação de obras sobre a Amazônia: estudos de economia e tradições locais, ensaios sobre a vida cultural e social, além de literatura de ficção. Os livros *Primeiras páginas* (1878) e *Cenas da vida amazônica* (1886) formam e fundam o *corpus* de sua obra ficcional. A acuidade com a qual as paisagens e as sociedades são descritas por José Veríssimo evidencia a sua vontade de erigir uma imagem "fiel", menos exótica ou mítica, da região e dos seus habitantes. A fidelidade pretendida pelo autor encontra sua origem, entre outras coisas, na leitura de relatos de viagem que muito contribuíram para construção dos imaginários endógenos e exógenos em torno da Amazônia. Através de uma leitura da obra de José Veríssimo, este breve ensaio tem o objetivo de analisar em que medida os relatos de viagem contribuíram para a gênese de uma literatura regionalista no século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Literatura regionalista; Relatos de viagem.

ABSTRACT: In the second half of the 19th century, the writer and literary critic José Veríssimo (1857-1916) began to publish works about the Amazon: studies of local economy and traditions, essays about cultural and social life, and literary fiction as well. The books *Primeiras páginas* (1878) and *Cenas da vida amazônica* (1886) form the *corpus* of his fictional work. The acuteness with which the landscapes and societies are described by José Veríssimo evidences his desire to build a "faithful", less exotic or mythical image of the region and its inhabitants. The fidelity intended by the author finds its origin, among other things, in the reading of travel reports that greatly contributed to the construction of endogenous and exogenous imaginaries about the Amazon. Through a reading of the work of José Veríssimo, this brief essay aims to analyze to what extent travel reports contributed to the genesis of a regionalist literature in the 19th century.

KEY WORDS: Amazon; Literary regionalism; Travel writing.

¹ Este ensaio é o resultado de uma comunicação apresentada no I Silar e VII Seminário de Pesquisa em Letras: (multi) letramentos, ocorridos na Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, 2021.

Introdução

Os relatos de viagem forneceram uma profusão de informações que serviram para alimentar a história, a geografia e a cartografia da Amazônia, bem como a literatura de ficção do século XIX. Jules Verne (1828-1905), por exemplo, leitor do periódico *Le Tour du Monde*, apropriou-se dos relatos de viagem de La Condamine (1701-1774), de Humboldt (1769-1859), do casal Elizabeth (1822-1907) e Louis Agassiz (1807-1873), de Paul Marcoy (1815-1887) e de Émile Carrey (1820-1880), para reunir a documentação necessária à escrita do romance de aventuras *La Jangada* (1881), cuja ação se situa na região amazônica, entre o Peru e o Brasil.

Procedimento similar foi realizado pelos escritores brasileiros que a colocaram em perspectiva na ficção literária, como foi o caso de José Veríssimo. Tanto nos seus ensaios quanto na sua obra de ficção, o escritor objetivou compartilhar imagens de uma Amazônia mais “real” e menos mítica ou selvagem do que aquela a qual leitores brasileiros e estrangeiros estavam habituados. Para tanto, recorreu à memória e à observação direta da região, segundo ele próprio². A esses dois elementos, acreditamos poder acrescentar um terceiro: a leitura de relatos de viagem que se popularizaram ao longo do século XIX. Analisar em que medida José Veríssimo se apropriou dessas narrativas para construir uma literatura com características regionalistas é o objetivo principal deste ensaio.

José Veríssimo e a Amazônia: contexto ideológico

Em 1899, quando o livro *Cenas da vida amazônica* foi reeditado, Machado de Assis teceu a seguinte apreciação nas páginas do jornal *Gazeta de Notícias*:

Aqui está um livro que há de ser relido com apreço, com interesse, não raro com admiração. O autor, que ocupa lugar eminente na crítica brasileira, também enveredou um dia pela novela, como Sainte-Beuve, que escreveu *Volupté*, antes de atingir o sumo grau na crítica francesa. Também há aqui um narrador e um observador, e há mais aquilo que não acharemos em *Volupté*, um

² José Veríssimo cita os dois aspectos em carta endereçada a Machado de Assis (1839-1908). Ver MOUTINHO e ELEUTÉRIO (org.), 2008, p. 380-381.

paisagista e um miniaturista. Já era tempo de dar às *Cenas da vida amazônica* outra e melhor edição. Eu, que as reli, achei-lhes o mesmo sabor de outrora. Os que as lerem, pela primeira vez, dirão se o meu falar desmente as suas próprias impressões.³

Publicado pela primeira vez em 1886, *Cenas da vida amazônica* integra um conjunto de obras variadas sobre a região composto por ensaios e literatura ficcional. O autor, muito mais conhecido por seus talentos de crítico literário, como assinala Machado de Assis, foi um dos raros escritores brasileiros a colocar a Amazônia em perspectiva na ficção literária do século XIX. Não foi, pois, casual a escolha geográfica visto que José Veríssimo nasceu em Óbidos, no Pará, em 1857. Foi para o Rio de Janeiro aos doze anos para completar seus estudos, em 1869, mas viu-se obrigado a retornar a Óbidos por razões de saúde, em 1876. De retorno à sua cidade natal, iniciou uma carreira jornalística assaz profícua escrevendo em vários jornais⁴. Em 1878, publicou *Primeiras páginas* – livro composto por relatos de viagem, crônicas e ensaios – que constitui, segundo o autor, “o primeiro fruto de [seu] talento humilde e de [seus] estudos”⁵. Os estudos aos quais se refere José Veríssimo são as leituras das ciências que se desenvolviam na época, principalmente a sociologia e a etnografia. Desta última ele destaca a importância, afirmando ser ela indispensável para a compreensão profunda do Brasil e de sua história⁶.

Quanto à sociologia, lembremos que a filosofia evolucionista de Herbert Spencer (1820-1903), as diferentes correntes do darwinismo social e a filosofia positivista de Auguste Comte (1798-1857), propagando a “ciência do real”, encontraram um eco importante na ficção literária do século XIX. Autores como Balzac, Flaubert e Zola publicaram romances baseados na observação e na representação da sociedade de seu tempo (respectivamente *Le Père Goriot*, 1834; *Madame Bovary*, 1857; e *Les Rougon-Macquart*, 1871-93). No Brasil, essa tendência também se confirmou nas obras de Franklin Távora (*O Cabeleira*, 1876), Aluísio Azevedo (*O mulato*, 1881), Machado de Assis (*Memórias póstumas de Brás Cuba*, 1881) e Júlio Ribeiro (*A Carne*, 1888), para dar alguns exemplos.

³ ASSIS, 1899.

⁴ *Liberal do Pará, Diário do Gram-Pará, A Província do Pará, A República*, para citar alguns exemplos.

⁵ VERÍSSIMO, 1878. p. 5, dedicatória do autor.

⁶ VERÍSSIMO, 1878, p. 135.

Nesse contexto, durante sua passagem pela Escola Central⁷, entre 1871 e 1876, José Veríssimo foi frequentador das aulas de Miguel Lemos (1857-1917) e Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927) – adeptos e defensores do positivismo no Brasil –, e teve suas obras marcadas pelo interesse dedicado ao pensamento comtiano. Nas suas palavras:

A obra de Augusto Comte é dessas que se pode combater, mas que se não pode negar. O seu valor é sem exagero enorme, e a sua influência, principalmente a não confessada, considerável. Todo pensamento moderno está impregnado da sua influência, e os mesmos que o combatem e que o negam, são-lhe indiretamente, mau grado seu, mas de fato, devedores.⁸

É importante ressaltar também que, na segunda metade do século XIX, o escritor Franklin Távora propôs colocar em perspectiva na literatura de ficção um Brasil mais “original”, apostando nas especificidades do Norte do país⁹. A Amazônia representava assim uma aposta interessante, pois em finais do mesmo século, o advento de um crescimento econômico sem precedentes, ocasionado pela economia da borracha, e mudanças urbanísticas importantes fizeram-na alcançar um certo protagonismo, passando de um lugar afastado dos centros de poder a um espaço de comércio promissor¹⁰.

A mudança de *status* levou a um fluxo migratório importante¹¹ e ao surgimento de sociedades divididas entre tradição e modernidade. José Veríssimo capta algumas mudanças ocorridas no âmbito dessas sociedades, principalmente no que se refere à relação que mantinha com a natureza amazônica, um dos últimos espaços selvagens do planeta. Assim, a leitura de relatos de viagem desempenhou um papel significativo para sua obra regionalista, pois eles forneceram a legitimidade “científica” à qual o escritor acrescentou a “cor local”.

Origens de uma ficção literária regionalista

7 Atual Escola Politécnica localizada no Rio de Janeiro.

8 VERÍSSIMO, 1895, p. 306.

9 O norte do Brasil no século XIX era formado pelos atuais Estados do Amazonas, Pará, Maranhão e se estendia até os limites da região Nordeste.

10 WEINSTEIN, 1993.

11 A população da Amazônia brasileira passou de 332.847 habitantes, em 1872, para 695.112 habitantes, em 1900. Ver BENCHIMOL, 1999, p. 480.

No livro *Primeiras páginas*, que tem o subtítulo “viagens no sertão, quadros paraenses, estudos”, José Veríssimo se inicia na escrita de relatos de viagem. Intitulados “Visita a Monte Alegre” e “Do Pará a Óbidos”, eles haviam sido publicados pela primeira vez em folhetim no jornal *Liberal do Pará*, entre março e maio de 1877. A escolha pelo gênero se deve ao fato de que o estudo e a observação prática dos lugares são muito mais úteis do que qualquer outra fonte, segundo José Veríssimo¹². Tal característica testemunha intrinsecamente ligada aos relatos de viagem e ao fato de terem sido legitimados pelos naturalistas, pelos geógrafos e pelas associações eruditas no século XIX, forneceu-lhes inegável caráter documental. Essa peculiaridade não escapou à observação do escritor amazônico que objetivava, por sua vez, legitimar seu próprio discurso. Assim, além de citar de maneira direta ou indireta alguns viajantes, José Veríssimo indicou a leitura de relatos de viagem como fonte incontornável de informações sobre a Amazônia:

É, porventura, a Amazônia a região do Brasil que mais tem sido visitada, viajada, explorada e estudada por geógrafos e cientistas, estrangeiros e nacionais, dos mais afamados e ilustres.

Entre os primeiros contam-se o famigerado Alexandre de Humboldt, e sem preocupação de mérito relativo, ou de ordem cronológica, La Condamine, Martius que escapou de perecer afogado no Amazonas (de que existe memória no Cristo Crucificado de bronze, que desde Munique ofereceu à matriz de Santarém), o príncipe Adalberto da Prússia (a quem acompanhava o então conde e depois famoso príncipe de Bismarck), A.R.Wallace, Bates, Agassiz, Orton, Herndon et Gibbon, Ch. Hartt, Chandler, Crevaux e outros. Brasileiros contam-se o célebre Alexandre Rodrigues Ferreira, cujas preciosas memórias estão ainda, pela maior parte inéditas na Biblioteca Nacional, Pereira Penna (talvez o mais profundo sabedor da geografia paraense), Coutinho, Barbosa, Rodrigues, Araújo Amazonas, Costa Azevedo (barão de Ladario) e alguns mais.

[...] Aos preciosíssimos livros, memórias, crônicas, relações e viagens dos autores citados ou aludidos, pode o leitor curioso recorrer, se melhor e mais cabal conhecimento dessa região desejar.¹³

12 VERÍSSIMO, 1878, p. 51

13 VERÍSSIMO, 1892, p. 98-100.

A quantidade de relatos de viagem que circularam no século XIX nos permite constatar que eles tiveram aumento considerável no número de publicações, contribuindo assim de maneira determinante para a vulgarização da região amazônica na Europa¹⁴. Os imaginários que veiculavam eram ligados, em geral, às visões avernais ou edênicas do mundo amazônico, impregnados de exotismo literário. Este termo provém do desejo partilhado entre autor e leitor de se distanciar da rotina do dia a dia através da descoberta de novas realidades que fogem aos limites do cotidiano¹⁵. Ele se inscreve, portanto, no horizonte de expectativas do leitor, habituado a encontrar certos estereótipos nas descrições de lugares longínquos, constituindo também uma *mise-en-scène* de paisagens distantes apreendidas muitas vezes de maneira superficial pelo observador. A descrição abaixo feita por Louis Agassiz (1807-1873) é um exemplo emblemático :

É meio-dia quando chegamos em frente dessa pequena vila, situada na margem esquerda do Amazonas, na embocadura do afluente Gurupatuba, e o calor está tão forte que não desejo descer em terra antes do cair da tarde. Monte Alegre está assentada no alto duma encosta que se afasta das margens do rio em declive suave, e tira o seu nome dum morro situado a quatro léguas ao nordeste. O terreno é mais acidentado e irregular do que o tem sido até agora; mas, apesar disso, o local não me parece merecer a denominação que lhe foi dada. O aspecto desse distrito se me afigura antes um tanto triste; o solo é todo areia, a floresta baixa, interrompida de quando em quando por campinas baixas e pantanosas cobertas de ervas grosseiras.¹⁶

Em uma nota rodapé, o explorador retifica a descrição feita às pressas:

Passei mais tarde muito mais tempo em Monte Alegre, e pude conhecer seus vales pitorescos e seus campos, cuja vegetação luxuriante é regada por fontes deliciosas. A descrição que dei aqui é por demais incompleta, mas conservo-a por estar perfeitamente conforme com a minha primeira impressão¹⁷.

Ao descrever a mesma cidade, José Veríssimo oferece ao leitor outra paisagem, propondo um ponto de vista diferente do de Agassiz:

14 Sobre alguns aspectos dessa vulgarização ver JOLLANT, 2018, p. 213-223.

15 ROCCA, 2004, p. 77-85.

16 AGASSIZ e AGASSIZ, 2000, p. 176.

17 AGASSIZ e AGASSIZ, 2000, p. 177.

Monte Alegre é, de todas as localidades do Amazonas, talvez a mais bela. [...]

Da carteira de viagem copio estas notas, e como são *d'après nature* e uma impressão primeira, conservo-lhe a mesma forma.

“Quem sobe à torre da igreja matriz fica extasiado diante do belo e grandioso espetáculo que se lhe apresenta aos olhos.

Tudo que a região amazônica tem de belo está aí, desde o rio imenso e a floresta secular até o pequeno arbusto e o igarapé. Olhando pela janela do S. da torre vê: ao longe o Amazonas que lá corre com sua majestosa tranquilidade, perdendo-se, como imensa linha esbranquiçada, no imenso horizonte; depois os seus inúmeros braços – paraná-mirins – que banham as verdes margens da imensidade de ilhas que por aí se espalham. O lápis é por demais pobre para descrever estas coisas; o pincel e pincel de mestre somente o poderia fazer, ficando contudo aquém da realidade.”¹⁸

Temos, assim, duas percepções distintas da mesma paisagem: a primeira, exógena, pretende ser objetiva e pressupõe uma interpretação em função de marcadores culturais externos; a segunda, endógena, tem características bastante picturais. José Veríssimo recorreu aos relatos de viagem para ter uma compreensão do olhar exterior que lhe permitisse apreender certas especificidades da paisagem amazônica para, em seguida, compartilhá-las com o seu leitor.

A Amazônia vista por José Veríssimo

As qualidades de “paisagista” e “miniaturista” que Machado de Assis credita a José Veríssimo na citação de abertura deste ensaio se justificam pelo caráter pictural de seus relatos de viagem e da sua obra de ficção. Para se distanciar de um imaginário puramente mítico ou exótico relacionado à Amazônia, ao invés de reproduzir certos clichês que constavam na literatura de viagem, o escritor tentou transmitir aos leitores, tal qual um croqui, as cenas observadas. À representação pictórica da paisagem, acrescentam-se descrições cartográficas:

É preciso que aquele que não contemplou esta paisagem soberba imagine-se viajor de um aerostato, vendo abaixo de si uma enorme massa d'águas povoadas de ilhas que lhe modelam mil formas.

18 VERÍSSIMO, 1878, p. 11-18.

Figure-se um grande mapa, uma carta geográfica perfeitamente traçada, onde, em uma enorme porção d'água, que ora é tranquila como um copo d'água, na verdadeira comparação popular; logo o vento fresco encrespa, como o sorriso passando pelos lábios da virgem, e depois levanta mais forte, formando ondas que assustam; água essa que aqui é de um vermelho barrento, ali azul, logo depois verde, ora clara ora escura, no meio disto tudo ilhas das mais variadas formas sem obedecerem ao rigor das linhas geométricas, verdes sempre, onde ou se estendem os verdes melancólicos campos e as risonhas campinas, ou as vastas florestas tropicais. Mas isto tudo sem ordem nem simetria, não obedecendo a nenhum preceito clássico ou de escola e sem outra estética que a da natureza, esses caos, essas ilhas e pontas, esses lagos estendendo-se por aí sem respeitarem as regras da jardinagem¹⁹

A tentativa de tornar a “opulenta desordem”²⁰ da paisagem amazônica mais inteligível ao espírito humano passou pela utilização de um léxico ligado à pintura²¹. Fato que não escapou à observação da crítica literária do século XIX. Franklin Távora, por exemplo, escreveu, a propósito das obras ficcionais de José Veríssimo: “En ellas están fotografiados costumbres y cuadros”²². Machado de Assis destacou que “os costumes e a natureza grande e rica [lhe] serv[iram] de quadro”²³.

Em seus “quadros”, o escritor propôs cenas muito específicas da paisagem amazônica, como a descrição de um sítio, de uma fazenda ou de um seringal. Imagens que evocam um universo muito mais rural do que selvagem, como vemos a seguir:

A moldura é uma casa de sítio
Paredes de barro, esteios amarrados com cipó, teto de palha.
Na frente da casa um mastro, coberto de folhas, ornado com
frutos: ananases, bananas e outros.
No tope do mastro uma bandeira.
Na bandeira, pintada por um Pedro Américo campestre, uma
pomba.
É o Espírito Santo.²⁴

19 VERÍSSIMO, 1878, p. 18.

20 Expressão utilizada por Euclides da Cunha para se referir à floresta amazônica.

21 Na obra *Le Détail du monde*, Romain Bertrand evidencia as dificuldades de se descrever a natureza por meio da linguagem. Ver BERTRAND, 2019.

22 TÁVORA, 1883, p. 28.

23 ASSIS, 1899.

24 VERÍSSIMO, 1886, p. 244

A perspectiva proposta pelo autor operava como um contraste em relação às visões estabelecidas na literatura de viagem. Esta, por sua vez, destacava duas dimensões principais: por um lado, a ideia de impenetrabilidade da floresta, a monotonia das paisagens e a confusão que ela poderia provocar no espírito do observador; por outro, a sublimação da verticalidade e a imensidão da paisagem.

Outro ponto relevante para a compreensão da obra de José Veríssimo é o diálogo estabelecido entre ensaio e ficção literária. Exemplo disso é o livro *Cenas da vida amazônica* que, em sua primeira edição, possui um ensaio de quase 100 páginas intitulado “As populações indígenas e mestiças da Amazônia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes”²⁵. Nele, usos, costumes, tradições e expressões dos habitantes do interior da Amazônia são detalhadamente explicados. Em seguida, algumas informações contidas no ensaio são utilizadas na parte ficcional da obra²⁶. Procedendo assim, o autor fornece aos seus leitores as chaves para a compreensão da sua obra ficcional e, por extensão, da própria região amazônica.

Dessa forma, o destaque dado às peculiaridades da paisagem amazônica na obra de José Veríssimo faz parte de um movimento com conotações regionalistas e nacionalistas que pretendia dar a conhecer o Brasil a partir de seus “sertões”. José Veríssimo, na qualidade de leitor, extraía informações dos relatos de viagens que ele confirmava ou infirmava com base em seus próprios conhecimentos. José Veríssimo, na qualidade de autor, buscava construir a imagem de uma Amazônia mais “real”, para contrapor os imaginários impregnados de um certo exotismo literário que alguns autores amazônicos tentam ainda hoje desconstruir.

25 O ensaio havia sido publicado anteriormente no livro *Primeiras páginas* sob o título “As raças cruzadas do Pará: sua linguagem, suas crenças e seus costumes”.

26 JOLLANT, 2019, p. 10-12.

Referências bibliográficas:

AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth. Viagem ao Brasil (1865-1866). Trad. Edgar Sússekind de Mendonça, Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

ASSIS, -. Acesso em: 15 de abril de 2021.

BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: formação social e cultural. Manaus: Valer Editora, 1999.

BERTRAND, Romain. Le détail du monde: l'art perdu de la description de la nature, Paris: Éditions du Seuil, 2019.

JOLLANT, Nataly, Du récit de voyage à la presse spécialisée: la vulgarisation de l'Amazonie en France au XIX^e siècle. Dialogues France-Brésil: circulations, représentations, imaginaires, (Org .) Eden Viana Martin, Nejma Kermele, et al., Pau: Presses de l'Université de Pau et des pays de l'Adour, 2018, p. 213-223.

JOLLANT, Nataly. Amazônia: mito, história e ficção literária. Brasil/Brazil: Revista de literatura brasileira, vol. 34 / 64, 2021, p. 1-14.

MOUTINHO, Irene e ELEUTÉRIO, Sílvia. Correspondência de Machado de Assis: tomo 3 - 1890-1900, Rio de Janeiro: ABL, 2011, (coleção Afrânio Peixoto, v. 98).

ROCCA, Sophie-Anne. Exotisme littéraire et mythe amazonien. Amazonie, sein de la terre: Revista do Centre de recherche sur l'Imaginaire, Grenoble, n° 27, 2004, p. 77-85.

TÁVORA, Franklin. Escritores del Norte del Brasil. José Veríssimo. Nueva revista de Buenos Aires, tomo VII, 1883, p. 17-28.

VERÍSSIMO, José. O Positivismo no Brasil. Revista Brasileira, tomo IV, 1895.

VERÍSSIMO, José. A Amazônia (aspectos econômicos). Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Brasil, 1892.

VERÍSSIMO, José. Cenas da vida amazônica com um estudo sobre as populações indígenas e mestiças da Amazônia. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1886.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

VERÍSSIMO, José. Primeiras páginas. Viagens no sertão, quadros paraenses, estudos. Belém: Typographia Guttemberg, 1878.

VERNE, Jules. La Jangada, Huit cents lieues sur l'Amazone. Paris: J. Hetzel, 1881. 2 vol.

WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920, São Paulo: Hucitec, 1993.

Breve currículo da autora

Nataly Jollant é doutora em Estudos lusófonos pela Universidade Sorbonne Nouvelle. Possui licenciatura em português e comunicação e mestrado em estudos lusófonos obtidos na mesma Universidade. É membro associada do Centre de recherche sur la littérature des voyages (CRLV), da Association pour la Recherche sur le Brésil en Europe (ARBRE) e da Société des études romantiques et dix-neuviémiste (SERD). Atualmente realiza uma pesquisa de pós-doutorado no Centre de recherches interdisciplinaires sur les mondes ibériques (CRIMIC) da Sorbonne Université.

Recebido em junho de 2021

Aprovado em dezembro de 2021